

EDITORIAL: JOHN F. C. TURNER E A AMÉRICA DO SUL

José Carlos Huapaya Espinoza
Universidade Federal da Bahia

Eulalia Hernández Ciro
Universidade de Antioquia



A moradia, a autoconstrução, a participação comunitária e a cultura popular são questões centrais para compreender e transformar as cidades latino-americanas contemporâneas e para estudar seus passados e presentes. Nesses campos, os aportes e propostas do arquiteto britânico John F. C. Turner (1927-2023), assim como os debates e caminhos abertos desde seus trabalhos, seguem sendo uma janela importante e vigente, que têm ressonância não só em universidades e institutos de pesquisa, mas em agendas políticas e de intervenção pública.

Com este dossiê, propomos revisitar e questionar as trajetórias de Turner com um olhar latino-americano, que tenta percorrer vários dos lugares que estudou, incluindo não só casos e cidades como Lima e Arequipa, e convocar autores de vários países, como Brasil, Peru, Colômbia e Argentina. Cada vez mais, pesquisas recentes vêm mostrando a importância da circulação das ideias e os vínculos no pensamento latino-americano ao longo do século XX, situação que não se pode desconhecer, mas que, pelo contrário, deve ser ponto de partida e debate.

Além deste olhar amplo e relacional, existem dois aspectos que atravessam esta publicação, que a tornam especial. Por um lado, é a oportunidade para reativar a publicação da revista RUA do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, que iniciou em 1988, mas que deixou de ser publicada em 2006. Retomar, quase vinte anos depois, esta publicação com este número especial sobre Turner também nos fala dos horizontes e os temas que seguem vigentes neste campo do conhecimento.

E o outro aspecto é que, em 2024, se completa um ano da sensível morte do arquiteto britânico, que faleceu em setembro de 2023, aos 96 anos. Nesse sentido, os artigos que seguem na sequência, alguns apresentados previamente como comunicações em eventos acadêmicos, outros publicados em revistas e outros inéditos, pretendem conformar um novo corpus que permita situar e contextualizar criticamente as contribuições de Turner. Alguns deles foram traduzidos do castelhano para

o português, já que, ademais, sua recopilação quer contribuir a um vazão dos olhares sobre Turner no Brasil. Esta opção de certa forma se justifica também pelo vazão existente na historiografia brasileira sobre as reverberações de seu pensamento no meio profissional se comparado a uma extensa bibliografia elaborada nos países vizinhos por onde Turner passou, como o Peru e a Colômbia. Salvo casos pontuais, no Brasil os trabalhos sobre ele apareceram de forma muito específica ou *em passant*. Por isso, optamos por organizar e selecionar uma lista de referências da sua produção, que inclui publicações em inglês, português e castelhano, além de alguns em italiano e francês, bem como de outros trabalhos escritos sobre sua obra, como uma forma de sistematizar as produções, ativar novas leituras e ajudar a futuras pesquisas.

Os conteúdos

O presente dossiê pode ser *navegado* de várias formas. A primeira, um percurso que segue a ordem consecutiva, que começa pelo mais geral para depois ir pousando em casos e contribuições locais. Outra forma de leitura tem a ver com interesses próprios, elegendo por onde começar e continuar a leitura. A terceira via são as temporalidades. Quer dizer, embora a maioria dos artigos compreenda as décadas de 1950 até 1970, existem periodizações distintas, que permitem dar ênfase em alguns momentos e anos. Inclusive, algumas se ampliam até a década de 1990.

Em todo caso, como notarão os leitores, existe um corpus documental comum e um diálogo interno entre os autores que permitem conectar os artigos entre eles, aprofundando-se em diversos aspectos. Outro elemento transversal às contribuições diz respeito ao material gráfico (fotografias dos locais, capas de livros e revistas, artigos de imprensa, entre outros) que encontrarão em cada artigo, os quais complementam a leitura e as discussões.

No primeiro artigo do dossiê, “Eduardo Neira Alva e John F. C. Turner. [De] construindo paradigmas sobre autoconstrução, autogestão e ação comunitária, 1958-1963”, José Carlos Huapaya Espinoza e Breno Eitel Zylbersztajn nos propõem um câmbio de olhar sobre o que tem sido um lugar comum: o reconhecimento mundial de Turner por trazer ao debate público, desde a década de 1960, a autoconstrução na América Latina. Apesar de que seu trabalho sobre as *barriadas* peruanas foi um marco internacional e um tema novo para o continente europeu e os Estados Unidos, esse não era um tema menor nesta parte do continente. Pelo contrário, Huapaya e Zylbersztajn buscam visibilizar os trabalhos e experiências de profissionais locais, como o peruano Eduardo Neira Alva, experto no campo da habitação social e do planejamento urbano, e a partir daí relativizar o inédito das propostas de Turner, situando-as em consonância e em relação com a produção latino-americana. Quer dizer, a chegada de Turner, assim como de outros estrangeiros, missionário e técnicos durante o século XX, significou um diálogo com profissionais locais que já tinham capital empírico e teórico sobre a compreensão dos contextos e realidades latino-americanas, o que viabilizou a produção de suas teorias.

Seguindo esse panorama amplo e com a ideia de dar algumas dicas de leitura, no artigo “Cultura e estética popular sul-americana. Perspectivas para a leitura na visão de John F. C. Turner, 1963 – 1978”, José Carlos Huapaya Espinoza e Eulalia Hernández Ciro, propõem um olhar cronológico e espacial sobre a produção de Turner, destacando os lugares, centros de pensamento e instituições pelas quais transitou, assim como as redes e tramas nas quais realizou sua produção sobre moradia, marginalidade e autoconstrução. Nesse contexto, as noções de cultura e estética popular tem um papel transversal, já que um dos elementos centrais desse olhar de Turner era valorizar as práticas autônomas dos setores populares a partir de uma abordagem nova, que rompia com perspectivas antropológicas e etnográficas anteriores que mantinham uma visão miserabilista dos setores populares. A propósito, é também fundamental não estudar Turner isoladamente, mas, sim, levando em conta as equipes e os circuitos com os quais interagiu.

O terceiro artigo, escrito pelo arquiteto argentino Daniel Kozak, situa no campo da “cultura arquitetônica urbanística” contemporânea o debate sobre a participação popular na produção do hábitat na América Latina, historicizando as preocupações aparentemente recentes sobre a autoconstrução a partir da perspectiva do papel dos arquitetos e da participação popular nas décadas de 1960 e 1970. Para isso, Kozak se aproxima e analisa as formas, conexões, presença e eventual incorporação do pensamento *turneriano* nos discursos promovidos na Aliança para o Progresso (1961) e no Hábitat I (1976).

Como quarta entrada, José Carlos Huapaya Espinoza e Laís da Silva Cerqueira se propõem reconstruir um capítulo pouco conhecido: a visita de Turner a Salvador (Bahia) em 1968. De fato, como os autores afirmam, a visita do arquiteto inglês nesse ano marca no meio profissional brasileiro a possibilidade de ele mesmo difundir seu pensamento no país continental em um contexto bastante particular. Turner chega ao Brasil no início de 1968, contratado pela Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU) para discutir e avaliar as políticas habitacionais promovidas pelo Banco Nacional de Habitação (BNH). Sua chegada ao Brasil e a Salvador esteve marcada por situações tensas já que viria a criticar de forma incisiva a experiência brasileira.

Passando para os casos e para as derivas no campo da habitação popular, Nilce Aravecchia-Botas e Ana Claudia Veiga de Castro se aproximam do “universo popular da habitação” a partir da análise de dois filmes de Ermínia Maricato, arquiteta e urbanista. Trata-se de *Fim de semana* (1975) e *Loteamento clandestino* (1979), filmes que representaram um olhar sociológico e etnográfico sobre os modos de habitar de setores populares de São Paulo. A partir da discussão sobre essas produções, as autoras traçam pontos de encontro e de distanciamento com a obra de Turner, em específico com o livro *Vivienda, todo el poder para los usuarios* (1977), e abordam os debates que aconteceram nessa época no Brasil e na América Latina sobre as favelas e a autoconstrução.

Por último, sobre outro caso específico e situando as perspectivas teóricas, seus usos e desusos, José Carlos Huapaya Espinoza e Leticia Prata Grappi se propõem revisitar as teorias de John F. C. Turner sobre “a cidade informal” no Brasil, refletindo se se tratam de novas ou velhas questões. Os autores mostram como algumas pautas, como a necessidade de ampliar o conceito de moradia

EDITORIAL

entendido não como o espaço estritamente habitado, mas essencialmente como sua articulação com a própria cidade, e a participação efetiva dos usuários e da sociedade de uma forma mais ampla, contribuem para um processo mais justo e participativo na problemática habitacional.

Como fechamento deste dossiê, mas que pode inclusive ser considerado como uma nova abertura, se inclui a resenha de Ana Cláudia Veiga de Castro sobre o livro *A cidade latino-americana: uma figura da imaginação social do século XX*, de Adrián Gorelik. Depois da publicação em 2022 pela editora Siglo XXI Editores na Argentina e reconhecendo a importância desse livro para a historiografia latino-americana, a Editora da Universidade Federal da Bahia apresenta em 2024 sua tradução para o português, realizada por José Carlos Huapaya Espinoza. Além de ser uma novidade editorial, a publicação da resenha neste número sobre Turner permite situá-lo e contextualizá-lo. Gorelik foi justamente um dos pioneiros em problematizar aquilo que temos chamado de “cidade latino-americana” e desenhar trânsitos e intercâmbios latino-americanos entre as décadas de 1940 e 1970 nos campos das ciências sociais, do planejamento urbano, da arquitetura e da crítica cultural.

COMO CITAR

HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos; HERNÁNDEZ CIRO, Eulalia.
Editorial: John F. C. Turner e a América do Sul. **RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura**, n. 11, p. 8-11, 2024.